

EX-LIBRIS

BORBA
MORAES

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

RSC

W.

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CRUZ E SOUZA



Ultimos
Sonetos



AILLAUD & Cia

96, Boulevard du Montparnasse, 96

—
1905

2000

Handley

St. Paul Street, N.Y.

Ultimos Sonetos

Livraria Teixeira
8, Rua S. João, 8



CRUZ e SOUZA

Segundo um desenho de MAURICIO JUBIM

CRUZ E SOUZA



Ultimos
Sonetos



AILLAUD & Cia

96, Boulevard du Montparnasse, 96

—
1905



Prologo



Á distancia de sete annos, que já nos separam, desde que elle desappareceu da vida, vejo Cruz e Souza como n'uma er'a ja muito longinqua, com qualquer coisa de legendaria, era que quasi me parece não ter sido vivida, mas simplesmente sonhada.

Sinto que outra epoca como essa nunca mais eu poderei conhecer. Ella foi feita de todas as bellezas proprias da primeira mocidade, e mais das que nos dá á vida uma amizade extraordinaria e fecunda.

Quando Cruz e Souza morreu eu despedia-me d'essa phase da existencia. Sua morte fez-me fechal-a com lagrimas, mas no fundo d'estas havia certa felicidade humana, porque ellas eram o producto de saudade pungente, mas de modo algum da amarga e fatal desillusão: a morte nos separou quando mais nos amavamos. Eu, que fiquei, tinha o dever de zelar pela obra deixada, de divulgá-la, para que os mais o conhecessem, a elle, pelo menos no que esses bellos despojos pudessem falar de sua alma.

Só pouco a pouco, por um modo e outro, pude desempenhar-me d'esse compromisso, tomado commigo mesmo e implicitamente com o poeta, que me fizera depositario de seus manuscriptos, como ja tire occasião de dizer na Nota que appuz á edição dos Pharóes. Hoje, com a publicação dos Ultimos Sonetos, offereço ao publico o seu derradeiro livro. N'esse ponto o destino me quiz ser favoravel, proporcionando-me o prazer de completar uma tal missão, das mais gratas que se me tem offerecido na vida.

Assim queira o nosso paiç acolher dignamente essa formosa collecção de versos, dos mais bellos que em portuguez já se tenham produzido, — a que se encerra n'este pequeno volume. Alem de tudo, só d'esse modo terá uma justa compensação da bondade e gentileza captivantes com que acolheu minha proposta a casa editora dos Snrs Aillaud & C^{ia}, de Paris, a quem se deve a presente publicação.

Paris, 30 de Março de 1905.

NESTOR VICTOR.





PIEDADE



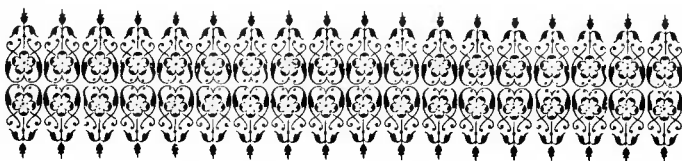
O coração de todo o ser humano
Foi concebido para ter piedade,
Para olhar e sentir com caridade,
Ficar mais doce o eterno desengano.

Para da vida em cada rude oceano
Arrojar, atravez da immensidade,
Táboas de salvação, de suavidade,
De consolo e de affecto soberano.

Sim! Que não ter um coração profundo
É os olhos fechar á dor do mundo,
Ficar inutil nos amargos trilhos.

É como se o meu ser compadecido
Não tivesse um soluço commovido
Para sentir e para amar meus filhos!





CAMINHO DA GLORIA



Este caminho é côr de rosa e é de ouro,
Estranhos roseirae n'elle florécem,
Folhas augustas, nobres reverdêcem
De acantho, myrto e sempiterno louro.

Neste caminho encontra-se o thesouro
Pelo qual tantas almas estremêcem;
É por aqui que tantas almas dôscem
Ao divino e fremente sorvedouro.

É por aqui que passam meditando,
Que cruzam, descem, tremulos, sonhando,
Neste ceeste, limpido caminho

Os seres virginaes que vem da Terra,
Eusanguentados da tremenda guerra,
Embebedados do sinistro vinho.





PRÊSA DO ÓDIO



Da tu'alma na funda galeria
Descendo ás vezes, eu ás vezes sinto
Que como o mais feroz lobo faminto
Teu ódio baixo de alcateia espia.

Do desespero a noite cava e fria,
De bohemias vis o pérfido absyntho
Poz no teu ser um negro labyrintho,
Desencadeou sinistra ventania.

Desencadeou a ventania rouca,
Surda, tremenda, desvairada, louca,
Que a tu'alma abalou de lado a lado.

Que te inflammou de coleras suprêmas
E deixou-te nas tragicas algêmas
Do teu odio sangrento acorrentado!





ALLUCINAÇÃO



Ó solidão do Mar, ó amargor das vagas,
Ondas em convulsões, ondas em rebeldias,
Desespero do Mar, furiosa ventania,
Bocca em féll dos tritões engasgada de pragas.

Velhas chagas do sol, ensanguentadas chagas
De occasos purpuraes de atroz melancholia,
Luas tristes, fataes, da atra mudez sombria
De tragica ruina em vastidões preságas.

Para onde tudo vae, para onde tudo vòa,
Sumido, confundido, esboroado. á tôa,
No cháos tremendo e nú dos tempos a rolar?

Que Nirvana genial ha de engolir tudo isto,
Mundos de Inferno e Céu, de Judas e de Christo,
Luas, chagas do sól e turbilhões do Mar?!





VIDA OBSCURA

††††

Ninguém sentio o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes sêres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silencio escuro
A vida prêsa a tragicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
Magoado, occulto e aterrador, secréto,
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
E o teu suspiro como foi profundo!





CONCILIAÇÃO



Se essa angustia de amor te crucifica,
Não és da Dor um simples fugitivo :
Ella marcou-te com o sinete vivo
Da sua estranha magestade rica.

És sempre o Assignalado ideal que fica
Sorrindo e contemplando o céo altivo;
Dos Compassivos és o Compassivo,
Na Transfiguração que glorifica.

Nunca mais de tremer terás direito...
Da Natureza todo o Amor perfeito
Adorarás, venerarás constricto.

Ah! basta encher, eternamente basta
Encher, encher toda esta Esphéra vasta
Da convulsão do teu soluço afflicto!





GLORIA!

††††

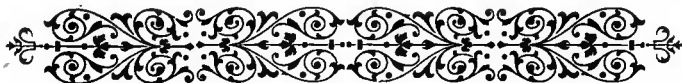
Florescimentos e florescimentos!
Gloria ás estrellas, gloria ás aves, gloria
Á natureza! Que a minh' alma flórea
Em mais flores flori de sentimentos.

Gloria ao Deus invisível dos nevoentos
Espaços! gloria á lua merencórea,
Gloria á esphéra dos sonhos, á illusória
Esphéra dos profundos pensamentos.

Gloria ao céo, gloria á terra, gloria ao mundo!
Todo o meu ser é roseiral fecundo
De grandes rosas de divino brilho.

Almas que floresceis Amor eterno!
Vinde gozar commigo este phalérno,
Esta emoção de vez nascer um filho!





A PERFEIÇÃO



A Perfeição é a celeste sciencia
Da crystalisação de almos encantos,
De abandonar os mórbidos quebrantos
E viver de uma occulta florescencia.

Noss' alma fica da clarevidencia
Dos astros e dos anjos e dos santos,
Fica lavada na lustral dos prantos,
É dos prantos divina e pura essencia.

Noss' alma fica como o ser que ás lutas
As mãos conserva limpas, impollutas,
Sem as manchas do sangue máo da guerra.

A Perfeição é a alma estar sonhando
Em soluços, soluços, soluçando
As agonias que encontrou na Terra!





MADONA DA TRISTEZA



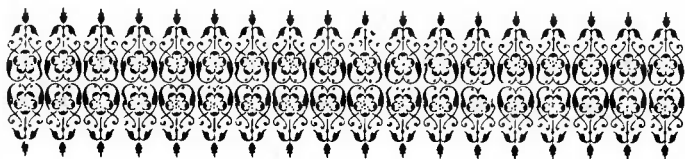
Quando te escuto e te ólho reverente
E sinto a tua graça triste e bella
De ave medrosa, tímida, singéla,
Fico a scysmar enternecidamente.

Tua voz, teu olhar, teu ar dolente
Toda a delicadeza ideal revéla
E de sonhos e lagrimas estrélla
O meu ser commovido e penitente.

Com que mágoa te adóro e te contemplo,
Ó da Piedade soberano exemplo,
Flor divina e secréta da Belleza!

Os meus soluços enchem os espaços,
Quando te apérto nos estreitos braços,
Solitaria madona da Tristeza!





DE ALMA EM ALMA



Tu andas de alma em alma errando, errando,
Como de santuario em santuario.
És o secréto e mystico templario
As almas, em silencio, contemplando.

Não sei que de harpas ha em ti vibrando,
Que sons de peregrino estradivário,
Que lembrás reverencias de sacrario
E de vózes celestes murmurando.

Mas sei que de alma em alma andas perdido,
Atraz de um bello mundo indefinido
De Silencio, de Amor, de Maravilha.

Vae! Sonhador das nobres reverencias!
A alma da Fé tem d'essas florescencias,
Mesmo da Morte resuscita e brilha!





IRONIA DE LAGRIMAS



Junto da Morte é que florésce a Vida!
Andamos rindo junto á sepultura.
A bocca aberta, escancarada, escura
Da cóva é como flor apodrecida.

A Morte lembra a estranha Margarida
Do nosso corpo, Fausto sem ventura...
Ella anda em torno a toda a creatura
N'uma dansa macabra indefinida.

Vem revestida em suas negras sêdas
E a martelladas lugubres e tredas
Das Illusões o eterno esquite prega.

E adeus caminhos vãos, mundos risonhos!
Lá vem a loba que devóra os sonhos,
Faminta, absconsa, inponderada, céga!





O GRANDE MOMENTO



Inicia-te, emfim, Alma imprevista,
Entra no seio dos Iniciados.
Espéram-te de luz maravilhados
Os Dons que vão te consagrar Artista.

Toda uma Esphéra te deslumbra a vista,
Os activos sentidos requintados.
Céos e mais céos e céos transfigurados
Abrem-te as portas da immortal Conquista.

Vem revestida em suas negras sêdas
E a martelladas lugubres e tredas
Das Illusões o eterno esquite prega.

E adeus caminhos vãos, mundos risonhos!
Lá vem a loba que devóra os sonhos,
Faminta, abseonsa, inponderada, céga!





O GRANDE MOMENTO



Inicia-te, emfim, Alma imprevista,
Entra no seio dos Iniciados.
Espéram-te de luz maravilhados
Os Dons que vão te consagrar Artista.

Toda uma Esphéra te deslumbra a vista,
Os activos sentidos requintados.
Céos e mais céos e céos transfigurados
Abrem-te as portas da immortal Conquista.

Eis o grande Momento prodigioso
Para entrares sereno e magestoso
Num mundo estranho d'esplendor sidéreo.

Borboleta de sól, surge da lesma...
Oh! vac, entra na pósse de ti mesma,
Québra os sêllos augustos do Mystério!





PRODIGIO!



Como o Rei Lear não sentes a tormenta
Que te desaba na fatal cabeça!
(Que o céu d'estrellas todo resplandesça)
A tua alma, na Dor, mais nobre augmenta.

A Desventura mais sanguinolenta
Sobre os teus hombros impiedosa dêscã,
Seja a treva mais funda e mais espessa . .
Todo o teu ser em musicas rebenta.

Em musicas e em flores infinitas
De aromas e de f3rmas exquisitas
E de um mysterio singular, nevoento...

Ah! s3 da Dor o alto pharol supremo
Cons3gue illuminar, de extremo a extremo,
O estranho mar genial do Sentimento!





COGITAÇÃO



Ah! mas então tudo será baldado?!
Tudo desfeito e tudo consumido?!
No Érgástulo d'érgástulos perdido
Tanto desejo e sonho soluçado?!

Tudo se abysmará desesperado,
Do desespero do Viver batido,
Na convulsão de um unico Gemido
Nas entranhas da Terra concentrado?!

Nas espiraes tremendas dos suspiros
A alma congelará nos grandes gyros,
Rastejará e rujirá rolando?!

Ou, entre estranhas sensações sombrias,
Melancholias e melancholias,
No eixo da alma de Hamlet irá gyrando?!





GRANDEZA OCCULTA



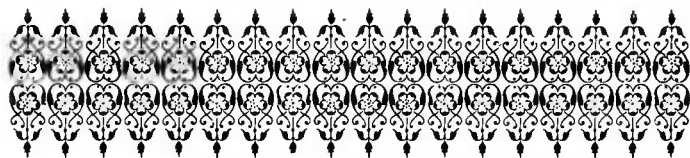
Estes vão para as guerras inclementes,
Os absurdos heróes sanguinolentos,
Alvoroçados, tontos e sedentos
Do clamôr e dos échos estridentes.

Aquelles para os frívolos e ardentes
Prazeres de acres inebriamentos :
Vinhos, mulheres, arrebatamentos
De luxurias carnaes, impenitentes.

Mas Tu, que na alma a immensidade féchas,
Que abriste com teu Genio fundas bréchas
No mundo vil onde a maldade exulta,

Ó delicado espirito de Lendas!
Fica nas tuas Graças estupendas,
No sentimento da grandeza occulta!





VOZ FUGITIVA



Ás vezes na tu'alma, que adorméce
Tanto e tão fundo, alguma voz escuto
De timbre emocional, claro, impolluto
Que uma voz bem amiga me paréce.

E fico mudo a ouvil-a, como a préce
De um meigo coração que está de luto
E livre, já, de todo o mal corrupto,
Mesmo as affrontas mais crueis esquéce.

Mas outras vezes, sempre em vão, procuro
Dessa voz singular o timbre puro,
As essencias do céo maravilhosas.

Procuro ancioso, inquieto, alvoroçado,
Mas tudo na tu' alma está calado,
No silencio fatal das nebulosas.





QUANDO SERÁ ?!

++++

Quando será que tantas almas duras
Em tudo, já libértas, já lavadas
Nas aguas immortaes, illuminadas
Do sol do Amor, hão de ficar bem puras?

Quando será que as limpidas frescuras
Dos claros rios de ondas estrelladas
Dos céos do Bem, hão de deixar clareadas
Almas vis, almas vans, almas escuras?

Quando será que toda a vasta Esphéra,
Toda esta constellada e azul Chiméra,
Todo este firmamento estranho e mudo,

Tudo que nos abraça e nos esmaga,
Quando será que una resposta vaga,
Mas tremenda, hão de dar de tudo, tudo?!





IMMORTAL ATTITUDE

†††††

Abre os olhos á Vida e fica mudo!
Oh! basta crêr indefinidamente
Para ficar illuminado tudo
De uma luz immortal e transcendente.

Crêr é sentir, como secrêto escudo,
A alma risonha, lucida, vidente...
E abandonar o sujo deus cornúdo,
O sátyro da Carne impenitente.

Abandonar os languidos rugidos,
O infinito gemido dos gemidos,
Que vae no lodo a carne chafurdando.

Erguer os olhos, levantar os braços
Para o eterno Silencio dos Espaços
E no Silencio emmudecer olhando.





LIVRE!



Livre! Ser livre da materia escrava,
Arrancar os grilhões que nos flagellam
E livre, penetrar nos Dons que séllam
A alma e lhe empréstan toda a ethérea lava.

Livre da humana, da terrestre bava
Dos corações damninhos que regélam,
Quando os nossos sentidos se rebéllam
Contra a Infamia bifronte que deprava.

Livre! bem livre para andar mais puro,
Mais junto á Natureza e mais seguro
Do seu Amor, de todas as justiças.

Livre! para sentir a Natureza,
Para gozar, na universal Grandeza,
Fecundas e archangélicas preguiças.





CÁRCERE DAS ALMAS



Ah! Toda a alma n'um carcere anda prêsa,
Soluçando nas trévas, entre as grades
Do calabouço olhando immensidades,
Mares, estrellas, tardes, natureza.

Tudo se véste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e sonhando, as immortalidades
Rasga no ethéreo Espaço da Pureza.

Ó almas prêsas, mudas e fechadas
Nas prisões colossaes e abandonadas,
Da Dor no calabouço atroz, funéreo!

Nesses silencios solitarios, graves,
Que chaveiro do Céu possúe as chaves
Para abrir-vos as portas do Mysterio?!





SUPREMO VERBO

Mo. 262

— Vae, Peregrino do caminho santo,
Faz da tu' alma lampada do cégo,
Illuminando, pégo sobre pégo,
As invisiveis amplidões do Pranto.

Eil-o, do Amor o calix sacrosanto!
Bebe-o, feliz, nas tuas mãos o entrégo...
Eis o filho leal, que eu não renégo,
Que defendo nas dobras do meu manto.

— Assim ao Poeta a Natureza falla!
Em quanto elle estremece ao escutal-a,
Transfigurado de emoção, sorrindo...

Sorrindo a céus que vão se desvendando,
A mundos que se vão multiplicando,
A portas de ouro que se vão abrindo!





VÃO ARREBATAMENTO



Partes um dia das Curiosidades
Do teu ser singular, partes em busca
De almas irmãs, cujo esplendor offusca
As celestes, divinas claridades.

Rasgas terras e céus, immensidades,
Dos perigos da Vida a vaga brusca,
Queima-te o sol que na Amplidão corusca
E consóla-te a lua das saudades.

Andas por toda a parte, em toda a parte
A seducção das almas a fallar-te,
Como da Terra luminosos marcos.

E a sorrir e a gemer e soluçando
Ah! sempre em busca de almas vaes andando,
Mas em vez d'ellas encontrando charcos!





BEMDITAS CADEIAS!



Quando vou pela Luz arrebatado,
Escravo dos mais puros sentimentos,
Lévo secrétos estremecimentos
Como quem entra em mágico Noivado.

Cérca-me o mundo mais transfigurado
Nesses subtis e candidos momentos...
Meus olhos, minha bocca vão sedentos,
Fico feliz, meu ser illuminado.

Fico feliz por me sentir escravo
De um Encanto maior entre os Encantos,
Livre, na culpa, do mais leve travo.

De ver minh' alma com taes sonhos, tantos,
E que por fim me purifico e lavo
Na agua do mais consolador dos prantos!





UNICO REMÉDIO



Como a chamma que sóbe e que se apaga,
Sóbem as vidas a espiral do Inferno.
O desespero é como o fogo eterno
Que o campo quiéto em convulsões alaga...

Tudo é veneno, tudo cardo e praga!
E as almas que tem sêde de phalérno
Bebem apenas o licôr moderno
Do tédio pessimista que as esmaga.

Mas a Caveira vem se approximando,
Vem exótica e núa, vem dansando,
No estrambotismo lugubre vem vindo.

E tudo acaba então no horror insano —
— Desespero do Inferno e tédio humano —
Quando, d'esguelha, a Morte surge rindo...





FLORESCE!



Florésce, vive para a Natureza,
Para o Amor immortal, largo e profundo.
O Bem supremo de esquecer o mundo
Reside nessa limpida grandeza.

Florésce para a Fé, para a Belleza
Da Luz, que é como um vasto mar sem fundo,
Amplio, inflammado, mágico, fecundo,
De ondas de resplendor e de pureza.

Andas em vão na Terra, apodrecendo
Á tóa pelas trévas, esquecendo
A Natureza e os seus aspectos calmos.

Diante da luz que a Natureza encérra
Andas a apodrecer por sobre a Terra,
Antes de apodrecer nos sete palmos!





DEUS DO MAL



Espirito do Mal, ó deus perverso
Que tantas almas dubias acalenta,
Veneno tentador na luz disperso
Que a propria luz e a propria sombra tentas;

Symbolo atroz das culpas do Universo,
Espelho fiél das convulsões violentas,
Do gasto coração no lodo immerso
Das tormentas vulcanicas, sangrentas;

Toda a tua sinistra trajetória
Tem um brilho de lagrimeira illusória,
As melodias morbidas do Inferno...

És Mal, mas sendo Mal és soluçante,
Sem a graça divina e consolante,
Réprobo estranho do Perdão eterno!





A HARPA



Prende, arrebatada, enléva, attráe, consóla,
A harpa tangida por convulsos dêdos ;
Vivem n'ella mysterios e segrêdos,
É *berceuse*, é ballada, é barcarola.

Harmonia nervosa que desóla,
Vento nocturno d'entre os arvoredos
A erguer phantasmas e secrétos medos ;
Nas suas córdas um soluço róla...

Tu alma é como esta harpa peregrina,
Que tem sabôr de musica divina
E só pelos eleitos é tangida.

Harpa dos céos que pelos céos murmura
E que enche os céos da musica mais pura,
Como de uma saudade indefinida.





ALMAS INDECISAS



Almas anciosas, tremulas, inquietas,
Fugitivas abelhas delicadas
Das colméias de luz das alvoradas,
Almas de melanchólicos poétas,

Que dor fatal e que emoções secrétas
Vos tornam sempre assim desconsoladas,
Na pungencia de todas as espadas,
Na dolencia de todos os ascétas?!

Nessa esphéra em que andais, sempre indecisa
Que tormento cruel vos nirvaniza,
Que agonias titanicas são éssas?!

Porque não vindes, Almas imprevistas,
Para a missão das lípidas conquistas
E das augustas, immortaes Proméssas?!





ABRIGO CELESTE

††††

Estrella triste a reflectir na lama,
Raio de luz a scintillar na poeira,
Tem a graça subtil e feiticeira,
A doçura das curvas e da chamma.

Do teu olhar um fluido se derrama
De tão suave, candida maneira
Que és a sagrada pomba alviçareira
Que para o Amor toda a minh' alma chama.

Meu ser aneia por teu doce apoio,
Nos outros seres só encontra joio,
Mas só no teu todo o divino trigo.

Sou como um cégo sem bordão de arrimo
Que do teu ser, tacteando, me approximo,
Como de um céo de carinhoso abrigo.





MUDEZ PERVÉRSA

❦❦❦❦

Que mudez infernal teus labios sérra
Que ficas vago, para mim olhando,
Na attitude da pedra, concentrando
No entanto, n'alma, convulsões de guerra!

A mim tal fé! essa mudez encérra,
Taes demonios revéis a estão forjando,
Que antes te visse morto, desabando
Sobre o teu corpo gróssas pás de terra.

Não te quizéra nesse atroz e summo
Mutismo horrivel que não géra nada,
Que não diz nada, não tem fundo e rumo.

Mutismo de tal dôr desesperada,
Que, quando o vou medir com o estranho prumo
Da alma, fico com a alma allucinada!





CORAÇÃO CONFIANTE



O coração que sente vae sósinho,
Arrebatado, sem pavôr, sem medo...
Leva dentro de si raro segredo
Que lhe sérve de guia no Caminho.

Vae no alvorôço, no celeste vinho
Da luz, os bósques accordando cêdo,
Quando de cada tremulo arvoredado
Parte o sonóro e matinal carinho.

E o Coração vae nobre e vae confiante,
Festivo como a flammula radiante,
Agitada bizarra pelos ventos...

Vae palpitando, ardente, emocionado,
O velho Coração arrebatado,
Preso por loucos arrebatamentos!





ESPIRITO IMMORTAL

✻✻✻

Espirito immortal que me fecundas
Com a chamma dos viris enthusiasmos,
Que transfórmas em gladios os sarcasmos
Para punir as multidões profundas !

Ó alma que transbórdas, que me inundas
De brilhos, de échos, de emoções, de pasmos,
E fazes accordar de atros marasmos
Minh' alma, em tédios por charnécas fundas.

Força genial e sacrosanta e augusta,
Divino Alérta para o Esquecimento,
Voz companheira, carinhosa e justa.

Tens minha Mão, n'um doce movimento,
Sobre essa Mão angélica e robusta,
Espírito immortal do Sentimento!





CRÊ!



Vê como a Dor te transcendentaliza!
Mas do fundo da Dor crê nobremente.
Transfigura o teu ser na força crente
Que tudo tórna bello e divinisa.

Que seja a Crença uma celeste brisa
Inflando as vélas dos batéis do Oriente
Do teu Sonho supremo, omnipotente,
Que nos astros do céo se crystalisa.

Tua alma e coração fiquem mais graves,
Iluminados por carinhos suaves,
Na doçura imortal sorrindo e crêndo...

Oh! crê! Toda a alma humana necessita
De uma Esphéra de canticos, bem dita,
Para andar crendo e para andar gemendo!





ALMA FATIGADA



Nem dormir nem morrer na fria Eternidade!
Mas repousar um pouco e repousar um tanto,
Os olhos enxugar das convulsões do pranto,
Enxugar e sentir a ideal serenidade.

A graça do consolo e da tranquillidade
De um céu de carinhoso e perfumado encanto,
Mas sem nenhum carnal e mórbido quebranto,
Sem o tédio senil da vã perpertuidade.

Um sonho lyrial d'estrellas desoladas,
Onde as almas febris, exhaustas, fatigadas
Póssam se recordar e repousar tranquillás!

Um descanso de Amor, de celestes miragens,
Onde eu góze outra luz de mysticas paisagens
E nunca mais presinta o remecher de argillas!





FLOR NIRVANISADA



Ó cégos corações, surdos ouvidos,
Boccas inuteis, sem clamor, fechadas,
Almas para os mysterios apagadas,
Sem segredos, sem écho e sem gemidos;

Consciencias hirsutas, de bandidos,
Vêsgas, nefandas e dismanteladas,
Portas de ferro, com furor trancadas,
Dos ócios mãos hystericos Vencidos.

Desenterrae-vos das sangrentas furnas
Sinistras, cabalisticas, nocturnas,
Onde ruge o Peccado caudaloso...

Fazei da Dor, do triste Gozo humano,
A Flor do Sentimento soberano,
A Flor nirvanisada de outro Gozo!

h



FELIZ !



Ser de belleza, de melancholia,
Espirito de graça e de quebranto,
Deos te bemdiga o doloroso pranto,
Enxugue as tuas lagrimas um dia.

Se a tu' alma é d'estrella e d'harmonia,
Se o que vem d'ella tem divino encanto,
Deos a proteja no sagrado manto,
No céo, que é o valle azul da Nostalgia.

Deos a proteja na Felicidade
Do sonho, do mysterio, da saudade,
De canticos, de aroma e luz ardente.

E sê feliz e sê feliz subindo,
Subindo, a Perfeição na alma sentindo
Florir e alvorecer libertamente!





CRUZADA NOVA

††††

Vamos saber das almas os segrêdos,
Os circulos pathéticos da Vida,
Dar-lhes a luz do Amor compadecida
E defendêl-as dos secrétos medos.

Vamos fazer dos áridos rochedos
Manar a agua lustral e appetecida,
Pelo ancioso coração bebida
No silencio e na sombra d'arvoredos.

Essas irmãs furtivas das estrellas,
Se não fôrmos depressa defendel-as,
Morrerão sem encanto e sem carinho.

Paladinos da limpida Cruzada!
Conquistemos, sem lança e sem espada,
As almas que encontrármos no Caminho.





O SONETO



Nas fórmulas voluptuosas o Soneto
Tem fascinante, cálida fragrancia
E as leves, langues curvas de elegancia
De extravagante e mórbido esqueleto.

A graça nobre e grave do quarteto
Recébe a original intolerancia,
Toda a subtil, secréta extravagancia
Que transborda terceto por terceto.

E como um singular polichinello
Ondula, ondeia, curioso e bello,
O Soneto, nas fórmas caprichósas.

As rimas dão-lhe a purpura vetusta
E na mais rara procissão augusta
Surge o sonho das almas dolorosas...





FÓGOS FATUOS



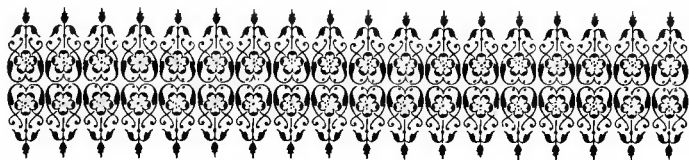
Ha certas almas vans, galvanizadas
De emoção, de pureza, de bondade,
Que como toda a azul immensidade
Chêgam a ser de subito estrelladas.

E ficam como que transfiguradas
Por momentos, na vaga suavidade
De quem se éléva com serenidade
Ás risonhas, celestes madrugadas.

Mas nada às vezes n'ellas corresponde
Ao Sonho e ninguem sabe mais por onde
Anda essa falsa e fugitiva chamma...

É que no fundo, na secréta essencia,
Essas almas de triste decadencia
São lama sempre e sempre serão lama.





MUNDO INACCESSIVEL



Tu'alma lembra um mundo inaccessible
Onde só astros e aguias vão pairando,
Onde se escuta, tragica, cantando,
A symphonia da Amplidão terrivel!

Toda a alma que não seja alta e sensivel,
Que azas não tenha para as ir vibrando,
N'essa Região secréta penetrando,
Falléce, morre, d'um pavor incrível!

É preciso ter azas e ter garras
Para attingir aos ruidos de fanfarras
Do mundo da tu'alma augusta e fórte.

É preciso subir igneas montanhas
E emmudecer, entre visões estranhas,
Num sentimento mais subtil que a Morte !





CONSOLO AMARGO



Mortos e mortos, tudo vae passando,
Tudo pelos abysmos se sumindo...
Emquanto sobre a Terra ficam rindo
Uns, e já outros, pallidos, chorando...

Todos vão tremulos finalizando,
Para os gelados tumulos partindo,
Descendo ao tremedal eterno, infindo,
Mortos e mortos n'um sinistro bando.

Tudo passa espectral e doloroso,
Pulverulentamente nebuloso
Como n'um sonho, n'um fatal lethargo...

Mas a quem chóra os mortos, entretanto,
O Esquecimento vem e enxuga o pranto....
E é esse apenas o consolo amargo !





VINHO NEGRO



O vinho negro do immortal peccado
Envenenou nossas humanas veias
Como fascinações de atras sereias
De um inferno sinistro e perfumado.

O sangue canta, o sol maravilhado
Do nosso corpo, em ondas fartas, cheias,
Como que quer rasgar essas cadeias
Em que a carne o retem acorrentado.

E o sangue chama o vinho negro e quente
Do peccado lethal, impenitente,
O vinho negro do peccado inquieto.

E tudo nesse vinho mais se apura,
Ganha outra graça, forma e formosura,
Grave belleza d'esplendor secreto.





ETERNOS ATALÁIAS



Os sentimentos sérvem de ataláias
Para guiar as multidões errantes
Que caminham tremendo, vacillantes
Pelas desertas, infinitas práias...

Abrangendo da Terra as fundas ráias,
Attingindo as esphéras mais distantes,
São como incensos, myrrhas odorantes,
Miraculosas, fúlgidas alfáias.

Tudo em que tócam logo transfiguram,
Encantam tudo, tudo em torno apuram,
Penétram, sem cessar, por toda a parte.

Alma por alma em toda a parte inflamam
E grandes, largos; immortaes, derramam
As melancholicas estrellas d'Arte!





PERANTE A MORTE



Perante a Morte empallidéce e treme,
Treme perante a Morte, empallidéce.
Corôa-te de lagrimas, esquece
O Mal cruel que nos abysmos geme.

Ah ! longe o Inferno que flammeja e freme,
Longe a Paixão que só no horror floresce...
A alma precisa de silencio e préce,
Pois na préce e silencio nada teme.

Silencio e préce no fatal segredo,
Perante o pasmo do sombrio medo
Da Morte e os seus aspectos reverentes...

Silencio para o desespero insano,
O furor gigantesco e sobre-humano
A dôr sinistra de ranger os dentes !





O ASSIGNALADO



Tu és o louco da immortal loucura,
O louco da loucura mais suprêma.
A Terra é sempre a tua negra algêma,
Prende-te n'ella a extrema Desventura.

Mas essa mesma algêma de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma supplicando gêma
E rebente em estrellas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assignalado
Que povòas o mundo despovoado,
De bellezas eternas, pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audacia dos nêrvos justifica
Os teus espasmos immortaes de louco!





ACIMA DE TUDO



Da gotta d'agua de um carinho agréste
Geram-se os oceanos da Bondade.
O coração que é livre e bom reveste
Tudo d'encanto e simples magestade.

Ascender para a Luz é ser celeste,
Novos astros sentir na immensidade
Da alma e ficar nessa inconsútil véste
Da divina e serena claridade.

O que é consolador e o que é supremo
Toda alma encontra no caminho extremo,
Quando attinge ás estrellas da pureza.

É apenas trazer o Ser libérto
De tudo, e transformar cada deserto
N'um sonho virginal da Natureza!





IMMORTAL PHALÉRNO



Quando as Esphéras da Illusão transponho
Vejo sempre tu'alma —, essa galéra
Feita das rosas brancas da Chiméra,
Sempre a vagar no estranho mar do Sonho.

Nem aspecto nublado nem tristonho!
Sempre uma doce e constellada Esphéra,
Sempre uma voz clamando: — espéra, espéra,
Lá do fundo de um céo sempre risonho.

Sempre uma voz dos Ermos, das Distancias!
Sempre as longinquas, mágicas fragrancias
De uma voz immortal, divina, pura...

E tua bocca, sonhador eterno,
Sempre sequiosa desse azul phalérno,
Da esperanza do céo que te procura.





LUZ DA NATUREZA

††††

Luz que eu adóro, grande Luz que eu amo,
Movimento vital da Natureza,
Ensina-me os segredos da Belleza
E de todas as vózes por quem chamo.

Mostra-me a Raça, o peregrino Ramo
Dos Fortes e dos Justos da Grandeza,
Illumina e suavisa esta rudeza
Da vida humana, onde combato e clamo.

Desta minh'alma a solidão de prantos
Cérca com os teus leões de brava crença,
Defende com os teus gladios sacrosantos.

Dá-me enlêvos, deslumbra-me, da immensa
Porta espheral, dos constellados mantos
Onde a Fé do meu Sonho se condensa!





AZAS ABERTAS



As azas da minh'alma estão abertas!
Pódes te agazalhar no meu Carinho,
Abrigar-te dê frios no meu ninho
Com as tuas azas tremulas, incértas.

Tu'alma lembra vastidões desertas
Onde tudo é gelado e é só espinho.
Mas na minh'alma encontrarás o Vinho
E as graças todas do Conforto certas.

Vem! Ha em mim o eterno Amor immenso
Que vae tudo florindo e fecundando
E sóbe aos céos como sagrado incenso.

Eis a minha alma, as azas palpitando,
Como a saudade de agitado lenço
O segredo dos longes procurando...





VELHO

††††

Estás morto, estás velho, estás cansado!
Como um sulco de lagrimas pungidas
Eil-as, as rugas, as indefinidas
Noites do ser vencido e fatigado.

Envolve-te o crepusculo gelado
Que vae soturno amortalhando as vidas
Ante o responso em musicas gemidas
No fundo coração dilacerado.

A cabeça pendida de fadiga,
Sentes a morte taciturna e amiga,
Que os teus nervosos circulos govérna.

Estás velho, estás morto ! O' dôr, delirio,
Alma despedaçada de martyrio,
Ó desespero da Desgraça eterna !

22



ETERNIDADE RETROSPECTIVA

志志志志志

Eu me recórdo de já ter vivido,
Mudo e só por olympicas Esphéras,
Onde éra tudo velhas primavéras
E tudo um vago aroma indefinido.

Fundas regiões do Pranto e do Gemido,
Onde as almas mais graves, mais austéras
Erravam como tremulas chiméras
Num sentimento extranho e commovido.

As estrellas longinquas e veladas,
Recordavam violaceas madrugadas,
Um clarão muito leve de saudade.

Eu me recórdo d'imaginativos
Luales lyriaes, contemplativos
Por onde eu já vivi na Eternidade !





ALMA MATER



Alma da Dôr, do Amor e da Bondade,
Alma purificada no Infinito,
Perdão Santo de tudo o que é maldito,
Harpa consoladôra da Saudade!

Das estrellas serena virgindade,
Caminho dos rosaes do Azul bemdito,
Alma sem um soluço e sem um grito,
Da alta Resignação, da alta Piedade!

Tu, que as profundas lagrimas estancas
E sabes levantar Imagens brancas
No silencio e na sombra mais velada...

Derrama os lyrios, os teus lyrios castos,
Em jrdões immortaes, vastos e vastos,
No fundo da minh'ahna lacerada!





O CORAÇÃO



O coração é a sagrada pyra
Onde o mysterio do sentir flammeja.
A vida da emoção elle a deseja
Como a harmonia as córdas de uma lyra.

Um anjo meigo e candido suspira
No coração e o purifica e beija...
E o que elle, o coração, aspira, almeja
É sonho que de lagrimas delira.

É sempre sonho e também é piedade,
Doçura, compaixão e suavidade
E graça e bem, misericórdia pura.

Uma harmonia que dos anjos desce,
Que como estrella e flor e som floresce
Maravilhando toda a creatura!





INVULNERAVEL



Quando dos carnavaes da raça humana
Fôrem cahindo as mascaras grotescas
E as attitudes mais funambulescas
Se desfizérem no féroz Nirvana ;

Quando tudo ruir na fébre insana,
Nas vertigens bizarras, pittorescas
De um mundo de emoções carnavalescas
Que ri da Fé profunda e soberana ;

Vendo passar a lugubre, funérea
Galeria sinistra da Miséria,
Com as mascaras do rosto descolladas;

Tu que és o deus, o deus invulneravel,
Resiste a tudo e fica formidavel,
No Silencio das noites estrelladas!





LYRIO LUTUOSO

§+§

Essencia das essencias delicadas,
Meu perfumoso e tenebroso lyrio,
Oh! dá-me a gloria de celeste Empyreo
Da tu'alma nas sombras encantadas.

Subindo lento escadas por escadas,
Nas espiraes nervosas do Martyrio,
Das Ancias, da Vertigem, do Delirio,
Vou em busca de mágicas estradas.

Acompanha-me sempre o teu perfume,
Lyrio da Dor, que o Mal e o Bem resume,
Estrella negra, tenebroso fructo.

Oh! dá-ma a gloria do teu ser nevoento
Para que eu póssa haurir o sentimento
Das lagrimas acérbas do teu luto!





A GRANDE SÊDE



Se tens sêde de Paz e d'Esperança,
Se estás cégo de Dor e de Peccado,
Valha-te o Amor, o grande abandonado,
Sacía a sêde com amor, descansa.

Ah! volta-te a esta zona fresca e mansa
Do Amor e ficarás desafogado,
Has de ver tudo claro, illuminado
Da luz que uma alma que tem fé alcança.

Acompanha-me sempre o teu perfume,
Lyrio da Dor, que o Mal e o Bem resume,
Estrella negra, tenebroso fructo.

Oh! dá-ma a gloria do teu ser nevoento
Para que eu póssa haurir o sentimento
Das lagrimas acérbas do teu luto!





A GRANDE SÊDE



Se tens sêde de Paz e d'Esperança,
Se estás cégo de Dor e de Peccado,
Valha-te o Amor, o grande abandonado,
Sacia a sêde com amor, descansa.

Ah! volta-te a esta zona fresca e mansa
Do Amor e ficarás desafogado,
Has de ver tudo claro, illuminado
Da luz que uma alma que tem fé alcança.

O coração que é puro e que é constricto,
Se sabe ter doçura e ter dolencia
Revive nas estrellas do Infinito.

Revive, sim, fica immortal, na essencia
Dos Anjos paira, não desprende um grito
E fica, como os Anjos, na Existencia.





DOMUS AUREA



De bom amor e de bom fogo claro
Uma casa feliz se acaricia...
Basta-lhe luz e basta-lhe harmonia
Para ella não ficar no desamparo.

O sentimento, quando é nobre e raro,
Veste tudo de candida poesia...
Um bem celestial d'elle irradia
Um doce bem que não é parco e avaro.

Um doce bem que se derrama em tudo,
Um segredo immortal, risonho e mudo,
Que nos leva debaixo da sua aza.

E os nossos olhos ficam rasos d'agua
Quando, rebentos de uma occulta mágoa,
São nossos filhos todo o céu da casa.





UM SER



Um ser na placidez da Luz habita,
Entre os mysterios ineffaveis móra.
Sente florir nas lagrimas que chóra
A alma serena, celestial, hemdita.

Um ser pertence á musica infinita
Das Esphas, pertence á luz sonóra
Das estrellas do Azul e hora por hora
Na Natureza virginal palpita.

Um ser desdenha das fataes poeiras,
Dos miseraveis ouopeis mundanos
E de todas as frivolas cegueiras...

Elle passa, atravéssa entre os humanos,
Como a vida das vidas forasteiras,
Fecundada nos propios desenganos.





O GRANDE SONHO



Sonho profundo, ó Sonho doloroso,
Doloroso e profundo Sentimento!
Vae, vae nas harpas tremulas do vento
Chorar o teu mysterio tenebroso.

Sóbe dos astros ao clarão radioso,
Aos leves fluidos do luar nevoento,
Ás urnas de crystal do firmamento,
O' velho Sonho amargo e magestoso!

Sóbe ás estrellas rútilas e frias,
Branças e virginaes eucharistias,
De onde uma luz de éterna paz escórre.

N'essa Amplidão das Amplidões austéras
Chora o Sonho profundo das Espheras,
Que nas azues Melancholias mórrre...





CONDEMNAÇÃO FATAL



Ó mundo, que és o exilio dos exilios,
Um monturo de fezes putrefacto,
Onde o ser mais gentil, mais timorato
Dos seres vis circula nos concilios;

Onde de almas em pallidos idyllios
O languido perfume mais ingrato
Magôa tudo e é triste, como o tacto
De um cêgo embalde levantando os cilios;

Mundo de peste, de sangrenta furia
É de flores leprosas da luxuria,
De flores negras, infernaes, medonhas;

Oh! como são sinistramente feios
Teus aspectos de fera, os teus meneios
Panthericos. ó Mundo, que não sonhas!





ALMA FERIDA



Alma ferida pelas negras lanças
Da Desgraça, ferida do Destino,
Alma, de que a amargura téce o hymno
Sombrio das crueis desesperanças;

Não desças, Alma feita das heranças
Da Dôr, não desças do teu céo divino.
Scintilla como o espelho crystalino
Das sagradas, serenas esperanças.

Mesmo na Dòr espera com clemencia
E sóbe á sideral resplandescencia,
Longe de um mundo que só tem peçonha.

Das ruinas de tudo érgue-te pura
E eternamente na suprema Altura,
Suspira, sóffre, scisina, sente, sonha!





ALMA SOLITARIA



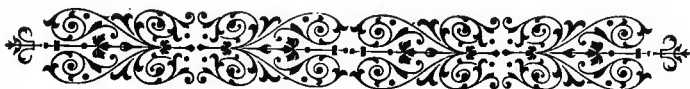
Ó Alma doce e triste e palpitante !
Que cytharas soluçam solitarias
Pelas Regiões longinquas, visionarias
Do teu Sonho secréto e fascinante !

Quantas zonas de luz purificante,
Quantos silencios, quantas sombras várias
De esphéras immortaes, imaginarias,
Fallam contigo, ó Alma captivante !

Que chamma accende os teus pharóes nocturnos
E véste os teus mysterios taciturnos
Dos esplendores do arco de alliança ?

Por que és assim. melancholicamente.
Como um archanjo-infante. adolescente,
Esquecido nos valles da Esperança ?!





VISIONARIOS

†††††

Amam batalhas pelo mundo adiante
Os que vagam no mundo visionarios,
Abrindo as aureas portas de sacrarios
Do Mysterio soturno e palpitante.

O coração flammeja a cada instante
Com brilho estranho, com fervores vários,
Sente a fébre dos bons missionarios
Da ardente cathechese fecundante.

Os visionarios vão buscar frescura
De agua celeste na cisterna pura
Da esperança por horas nebulosas.....

Buscam frescura, um outro novo encanto...
E livres, bellos atravez do pranto,
Fallam baixo com as almas mysteriosas!





DEMONIOS



A lingua vil, ignivoma, purpurea
Dos peccados mortaes bava e braveja,
Com os seres impolluidos mercadeja
Mordendo-os fundo, injuria sobre injuria.

É um grito infernal de atroz luxuria,
Dôr de damnados, dôr de Cháos que almeja.
A toda alma serena que viceja,
Só furia, furia, furia, furia, furia!

São peccados mortaes feitos hirsutos
Demonios máos que os venenosos fructos
Mordêram com volupias de quem ama...

Vermes da Inveja, a lesma verde e oleosa,
Anões da Dôr torcida e cancerosa,
Abórtos de almas a sangrar na lama!





ÓDIO SAGRADO



Ó meu ódio, meu ódio magestoso,
Meu ódio santo e puro e bemfazejo,
Unge-me a fronte com teu grande beijo,
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,
Orgulhoso com os seres sem Desejo,
Sem Bondade, sem Fé e sem lampejo
De sol fecundador e carinhoso.

Ó meu ódio, meu lábaro bendito,
De minh' alma agitada no infinito,
Atravez de outros lábaros sagrados,

Ódio são, ódio bom ! sê meu escudo
Contra os vilões do Amor, que infamam túdo,
Das sete torres dos mortaes Peccados !





EXHORTAÇÃO



Corpo crivado de sangrentas chagas,
Que atravéssas o mundo soluçando,
Que as carnes vaes ferindo e vaes rasgando
Do fundo d'illusões velhas e vagas ;

Grande isolado das terrestres plagas,
Que vives as Esphéras contemplando,
Braços erguidos, olhos no ar, olhando
A ethérea chamma das conquistas magas ;

Se é de silencio e sombra passageira,
De cinza, desengano e de poeira
Este mundo feroz que te condemna;

Embóra anciosamente, amargamente
Revélla tudo o que tu'alma sente,
Para ella então poder ficar serena!





BONDADE



É a bondade que te faz formosa,
Que a alma te divinisa e transfigura;
É a bondade a rosa da ternura,
Que te perfuma com perfume á rosa.

Teu ser angelical de luz bondosa,
Verte em meu ser a mais subtil doçura,
Uma celeste, limpida frescura,
Um encanto, uma paz maravilhosa.

Eu affronto contigo os vampirismos,
Os corruptos e mórbidos abysmos,
Que em vão busquem tentar-me no caminho.

Na suave, na doce claridade.
No consolo de amor dessa bondade
Bebo a tu'alma como ethéreo vinho.





NA LUZ



De soluço em soluço a alma gravita,
De soluço em soluço a alma estreméce,
Anceia, sonha, se recorda, esquece
E no centro da Luz dorme constricta.

Dorme na paz sacramental, bemdita,
Onde tudo mais puro resplandésce,
Onde a Immortalidade refflorésce
Em tudo, e tudo em canticos palpita.

Sereia celestial entre as sereias,
Ella só quer despedaçar cadeias,
De soluço em soluço, a alma nervosa.

Ella só quer despedaçar algêmas
E respirar nas Amplidões supremas,
Respirar, respirar na Luz radiosa.





CAVADOR DO INFINITO



Com a lampada do Sonho désce afflicto
E sóbe aos mundos mais imponderaveis,
Vai abafando as queixas implacaveis,
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ancias, Desejos, tudo a fogo escripto
Sente, em redór, nos astros ineffaveis.
Cava nas fundas éras insondaveis
O cavador do tragico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava
Mais o Infinito se transforma em lava
E o cavador se perde nas distancias...

Alto levanta a lampada do Sonho
E com seu vulto pallido e tristonho
Cava os abysmos das eternas ancias !





SANTOS ÓLEOS.



Com os santos óleos de que vens ungido
Podes andar no mundo sem receio.
Quem veio para a Luz, por certo veio
Para ser valoroso e ser temido.

Que tudo é em balde, tudo em vão, perdido,
Quando se traz esse divino anseio,
Esse doce transpôrte ou doce enleio,
Que deixa tudo e tudo confundido.

A Alma que como a véla chêga ao porto
Sente o melhor consolador conforto
E a aza nas azas dos Archanjos tóca...

Os santos óleos são a luz guiadôra,
Que vigia por ti na peccadôra
Terra e o teu mundo celestial evóca!





SORRISO INTERIOR



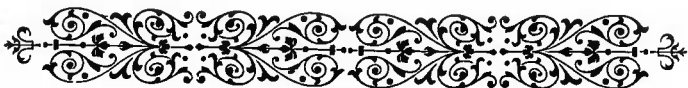
O ser que é ser e que jamais vacilla
Nas guerras immortaes entra sem susto,
Leva consigo este brazão augusto
Do grande amor, da grande fé tranquilla.

Os abysmos carnaes da triste argilla
Elle os vence sem ancias e sem custo...
Fica sereno, n'um sorriso justo,
Emquanto tudo em derredor oscilla.

Ondas interiores de grandeza
Dão-lhe esta gloria em frente á Natureza,
Esse esplendor, todo esse largo effluvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores...
E para ironisar as proprias dores
Canta por entre as aguas do Diluvio!





MEALHEIRO DE ALMAS



Lá das colheitas do celeste trigo
Deus ainda escolhe a mais louçã colheita :
É a alma mais serena e mais perfeita
Que elle destina conservar comsigo.

Fica lá, livre, isenta de perigo,
Tranquilla, pura, limpida, direita
A alma sagrada que resume a seita
Dos que fazem do Amor eterno Abrigo.

Elle quer essas almas. os pães alvos
Das aras celestiaes, claros e salvos
Da Terra em busca das Esphéras calmas.

Elle quer d'ellas todo o amor primeiro
Para formar o candido mealheiro
Que ha de estrellar todo o Infinito de almas.





ESPASMOS



Alma das gerações, alma lendaria,
Que tens tanto de *Hamlet*, tanto de *Ophélia*,
A candidez da rosida camélia
E as lagrimas da sêde hereditaria ;

Alma dormente, tumultuosa, vária,
Accórde de harpa mysteriosa e célia,
Virgindade selvagem de bromélia,
Alma do Eleito, do Plebeu, do Pária ;

És a chamma do Amor, negro-vermelha
De onde rompeu a fulgida scentelha,
Que a Flôr de fogo fez gerar no Dante.

Com teus espasmos e delicadezas,
Nervosas e secrétas subtilezas,
Enches todo este abysmo soluçante!





EVOCÃO



Oh Lua voluptuosa e tentadôra,
Ao mesmo tempo trágica e funésta,
Lua em fundo revolto de florésta
E de sonho de vaga embaladôra;

Languê visão mortal e seductora,
Dos vergeis sideraes pallida giésta,
Divindade subtil da mórna sesta,
Da lasciva paixão fascinadora;

Flor fria, flor algente, flor gelada
Do desconsolo e dos esquecimentos
E do aneio e da fébre atormentada;

Tu, que soluças pelos céus nevoentos
Longo soluço mágico de fada,
Dá-me os teus doces acalentamentos!





NO SEIO DA TERRA

††††

Do pélago dos pélagos sombrios
Lá do seio da Terra olhando as vidas,
Escuto o murmurar de almas perdidas,
Como o secréto murmurar dos rios.

Trazem-me os ventos negros calafrios
E os soluços das almas doloridas,
Que têm sêde das Terras promettidas
E mórrem como abutres erradios.

As ancias sóbem, as tremendas ancias!
Velhices, mocidades e as infancias
Humanas entre a Dor se despedaçam...

Mas sobre tantos convulsivos gritos
Passam horas, espaços, infinitos;
Esféras, gerações, sonhando, passam!





ANIMA MEA



Ó minh' alma, ó minh' alma, ó meu Abrigo,
Meu sol e minha sombra peregrina,
Luz immortal que os mundos illumina
Do velho Sonho, meu fiél Amigo ;

Estrada ideal de São Thiago, antigo
Templo da minha Fé, casta e divina,
De onde é que vem toda esta magoa fina
Que é, no emtanto, consolo e que eu bemdigo?

De onde é que vem tanta esperança vaga,
De onde vem tanto anseio que me alaga,
Tanta diluida e sempiterna magoa?

Ah! de onde vem toda essa estranha essencia
De tanta mysteriosa transcendencia,
Que estes olhos me deixa rasos de agua?!





SEMPRE O SONHO



Para encantar os circulos da Vida
É ser tranquillo, sonhador, confiante,
Sempre trazer o coração radiante,
Como um rio e rosaes junto de ermida:

Beber na vinha celestial, garrida
Das estrellas o vinho flammejante,
E caminhar victorioso e ovante
Como um deus, com a cabeça enflorcida.

Sorrir. amar para alargar os mundos
Do Sentimento e para ter profundos
Momentos e momentos soberanos.

Para sentir em torno á terra ondeando
Um sonho, sempre um sonho além rolando
Vagas e vagas de immortaes oceanos.





ASPIRAÇÃO SUPREMA



Como os cegos e os nús péde um abrigo
A Alma que vive a tiritar de frio.
Lembra um arbusto frágil e sombrio
Que necessita do bom sol amigo.

Tem ais de dor de tremulo mendigo
Oscillante, somnambulo, erradio.
É como um tenue, crystallino fio
D'estrellas, como ethéreo e louro trigo.

E a alma aspira o celestial orvalho,
Aspira o céo. o limpido agazalho,
Sonha, deseja e aneia a luz do Oriente...

Tudo ella inflamma de um estranho beijo.
E este Anceio, este Sonho, este Desejo
Enche as Espheras soluçadamente!





INEFFAVEL!



Nada ha que me domine e que me vença
Quando a minh' alma mudamente accórda...
Ella rebenta em flor, ella transbórda
Nos alvorôços da emoção immensa.

Sou como um Réo de celestial Sentença,
Condemnado do Amor, que se recórda
Do Amor e sempre no Silencio bórda
D'estrellas todo o céo em que érra e pensa.

Claros, meus olhos tornam-se mais claros
E tudo vejo dos encantos raros
E de outras mais serenas madrugadas !

Todas as vozes que procuro e chamo
Ouço-as dentro de mim porque eu as amo
Na minh' alma volteando arrebatadas !





SER DOS SÉRES



No teu ser de silencio e d'esperança
A doce luz das Amplidões flammeja.
Elle sente, elle aspira, elle deseja
A grande zona da immortal Bonança.

Pelos largos espaços se balança
Como a estrella infinita que dardeja,
Sempre isento da Treva que troveja
O clamor inflammado da Vingança.

Por entre enlêvos e deslumbramentos
Entra na Força astral dos sentimentos
E do Poder nos mágicos poderes.

E traz, máo grado os íntimos cansaços,
Ancias secrétas para abrir os braços
Na generosa communhão dos Sêres!





SEXTA-FEIRA SANTA



Lua absynthica, verde, feiticeira,
Pasmada como um vicio monstruoso...
Um cão estranho fussa na esterqueira,
Uivando para o espaço fabuloso.

É esta a negra e santa Sexta-feira!
Christo está morto, como um vil leproso,
Chagado e frio, na feroz cegueira
Da Morte, o sangue rôxo e tenebroso.

A serpente do mal e do peccado
Um sinistro veneno esverdeado
Vérte do Morto na mudez serena.

Mas da sagrada Redempção do Christo
Em vez do grande Amor, puro, imprevisto,
Brótam phosphorescencias de grangrena!





SENTIMENTO EXQUISITO



Ó céo estéril dos desesperados,
Fórma impassível de crystal sidéreo,
Dos cemiterios velho cemiterio,
Onde dórmem os astros delicados.

Patria d'estrellas dos abandonados,
Casúlo azul do aneio vago, aéreo,
Formidável muralha de mysterio
Que deixa os corações desconsolados.

Céo immovel millenios e millenios,
Tu que illuminas a visão dos Genios
E érgues das almas o sagrado accórde.

Céo esteril, absurdo, céo immóto,
Faz dormir no teu seio o Sonho ignóto,
Esta serpente que allucina e mórde...





CLAMOR SUPREMO



Vem conmigo por estas cordilheiras!
Põe teu manto e bordão e vem conmigo,
Atravessa as montanhas sobranceiras
E nada temas do mortal Perigo!

Sigamos para as guerras condoreiras!
Vem, resolutu, que eu irei contigo. ‘
D’entre as aguias e as chammas feiticeiras,
Só tenho a Natureza por abrigo.

Rasga floréſtas. bébe o ſangue todo
Da Terra e transfigura em aſtros lodo,
O proprio lodo tórna mais fecundo.

Baſta trazer um coração perfeito,
Alma de eleito, Sentimento eleito
Para abalar de lado a lado o mundo!





ANCIEDAD



Esta anciedade que nos enche o peito,
Enche o céo, enche o mar, fecunda a terra,
Ella os gérmens purissimos encerra
Do Sentimento limpido, perfeito.

Em jôrros crystalinos o direito,
A par vencendo as convulsões da guerra,
A liberdade que abre as azas e érra
Pelos caminhos do Infinito eleito.

Tudo na mesma anciedade gyra.
Róla no Espaço, d'entre a luz suspira
E chóra, chóra, amargamente chóra...

Tudo nos turbilhões da Immensidade
Se confunde na tragica anciedade
Que almas, estrellas, amplidões devóra.





GRANDE AMOR



Grande amor, grande amor, grande mysterio
Que as nossas almas tremulas enlaça..
Céo que nos beija, céo que nos abraça
N'um abysmo de luz profundo e sério.

Eterno espasmo de um desejo ethéreo
E balsamo dos balsamos de graça,
Chamma secréta que nas almas passa
E deixa n'ellas um clarão sidéreo.

Cantico de anjos e archanjos vagos
Junto ás aguas somnambulas de lagos,
Sob as claras estrelas desprendido...

Sêllo perpetuo, puro e peregrino,
Que prende as almas n'um equal destino,
N'um beijo fecundado n'um gemido.





SILENCIOS

††††

Largos Silencios interpretativos,
Adoçados por funda nostalgia,
Ballada de consolo e sympathia
Que os sentimentos meus torna captivos;

Harmonia de doces lenitivos,
Sombra, segredo, lagrima, harmonia
Da alma serena, da alma fugidia
Nos seus vagos espasmos suggestivos;

Ó Silencios! ó candidos desmaios,
Vácuos fecundos de celestes raios
De sonhos, no mais limpido cortejo...

Eu vos sinto os mysterios insondaveis,
Como de estranhos anjos ineffaveis
O glorioso esplendor de um grande beijo!





A MORTE

††††

Oh! que doce tristeza e que ternura
No olhar ancioso, afflicto dos que mórrem...
De que ancoras profundas se soccórem
Os que penétram nessa noite escura!

Da vida aos frios véos da sepultura
Vagos momentos tremulos decórrem...
E dos olhos as lagrimas escórrem
Como pharóes da humana Desventura.

Descem então aos golphos congelados
Os que na terra vagam suspirando,
Com os velhos corações tantalisados.

Tudo negro e sinistro vae rolando
Báratro a baixo, aos echos soluçados
Do vendaval da Morte ondeando, uivando...





SÓ!



Muito embóra as estrellas do Infinito
Lá de cima me acenem carinhosas
E dêsça das esphéras luminosas
A doce graça de um clarão bemdito;

Embóra o mar, como um revél proscripto,
Chame por mim nas vagas ondulosas
E o vento venha em coleras medrosas
O meu destino proclamar n'um grito;

Neste mundo tão tragico, tamanho,
Como eu me sinto fundamentalmente estranho
E o amor e tudo para mim avaro !...

Ah! como eu sinto compungidamente.
Por entre tanto horror indiferente,
Um frio sepulchral de desamparo!





FRUCTO ENVELHECIDO

志志志志志

Do coração no envelhecido fructo
É só desolação e é só tortura.
O frio soluçante da amargura
Envólve o coração n'um fundo luto.

O phantasma da Dôr pérfido e astuto
Caminha junto a toda a creatura.
A alma por mais feliz e por mais pura
Tem de soffrer o esmagamento bruto.

É preciso humildade, é necessario
Fazer do coração branco sacrario
E a hóstia elevar do Sentimento eterno.

Em tudo derramar o Amor profundo,
Derramar o Perdão no cháos do mundo
Sorrir ao céu e bemdizer o Inferno.





EXTASE BUDHICO



Abre-me os braços, Solidão profunda,
Reverencia do céu, solemnidade
Dos astros, tenebrosa magestade,
Ó planetaria comunhão fecunda!

Óleo da noite sacrosanto, inunda
Todo o meu ser, dá-me essa castidade,
As azues florescencias da saudade,
Graça das Graças immortaes oriunda!

As estrellas captivas no teu seio
Dão-me um tocante e fugitivo enleio,
Emballam-me na luz consoladôra!

Abre-me os braços, Solidão radiante,
Funda, phenomenal e soluçante,
Larga e budhica Noite redemptôra!





TRIUMPHO SUPREMO



Quem anda pelas lagrimas perdido,
Somnambulo dos trágicos flagellos,
É quem deixou para sempre esquecido
O mundo e os futeis ouropéis mais bellos!

É quem ficou do mundo redimido,
Expurgado dos vicios mais singelos
E disse a tudo o adeus indefinido
E desprendeu-se dos carnaes anhélos!

É quem entrou por todas as batalhas
As mãos e os pés e o flanco ensanguentando,
Amortalhado em todas as mortallas.

Quem florestas e mares foi rasgando
E entre raios, pedradas e metralhas,
Ficou gemendo, mas ficou sonhando!





ASSIM SEJA!



Fécha os olhos e mórre calmamente!
Mórre sereno do Dever cumprido!
Nem o mais leve, nem um só gemido
Tráia, siquer, o teu Sentir latente.

Mórre com a alma leal, clarevidente,
Da Crença errando no Vergél florido
E o Pensamento pelos céus brandido
Como um gladio soberbo e refulgente.

Vae abrindo sacrario por sacrario
Do teu Sonho no templo imaginario,
Na hora glacial da negra Morte immensa...

Mórre com o teu Dever! Na alta confiança
De quem triumphou e sabe que descansa,
Desdenhando de toda a Recompensa!





RENASCIMENTO



A Alma não fica inteiramente morta!
Vagas Resurreições do sentimento
Abrem já, de vagar, porta por porta,
Os palacios reaes do Encantamento!

Morrer! Findar! Desfallecer! que importa
Para o secréto e fundo movimento
Que a alma transporta, sublimisa e exhórta
Ao grande Bem do grande Pensamento!

Chammas novas e bellas vão raiando,
Vão se accendendo os limpidos altares
E as almas vão sorrindo e vão orando...

E pela curva dos longinquos ares
Eil-as que veni, como o imprevisto bando
Dos albatrózes dos estranhos mares...





PACTO DE ALMAS



A NESTOR VICTOR

Por devotamento e admiração

12 de Outubro de 1897.

I

PARA SEMPRE

Ah! para sempre! para sempre! Agora
Não nos separaremos nem um dia...
Nunca mais, nunca mais, nesta harmonia
Das nossas almas de divina auróra.

A voz do céo póde vibrar sonóra
Ou do Inferno a sinistra symphonia,
Que n'um fundo de astral melancholia
Minh' alma com a tu' alma góza e chóra.

Para sempre está feito o augusto pacto!
Cégos seremos do celeste facto,
Do Sonho envoltos na estrellada rêde,

E perdidas. perdidas no Infinito
As nossas almas. no clarão bendito.
Hão de enfim saciar toda esta sêde...





LONGE DE TUDO

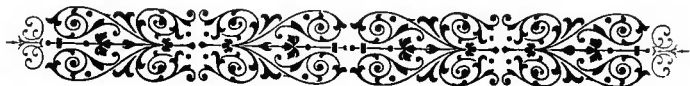
É livres, livres desta vã matéria,
Longe, nos claros astros peregrinos
Que havemos de encontrar os dons divinos
E a grande paz, a grande paz sidérea.

Cá nesta humana e trágica miséria,
Nestes surdos abysmos assassinos
Teremos de colher de atros destinos
A flor apodrecida e deletéria.

O baixo mundo que troveja e brama
Só nos mostra a caveira e só a lama,
Ah! só a lama e movimentos lassos...

Mas as almas irmãs, almas perfeitas,
Hão de trocar, nas Regiões eleitas,
Largos, profundos, immortaes abraços!





III

ALMA DAS ALMAS

Alma das almas, minha irmã gloriosa,
Divina irradiação do Sentimento,
Quando estarás no azul Deslumbramento,
Perto de mim, na grande Paz radiosa?!

Tu que és a lua da Mansão de rosa
Da Graça e do supremo Encantamento,
O cyrio astral do augusto Pensamento
Velando eternamente a Fé chorosa;

Alma das almas. meu consolo amigo,
Seio celeste. sacrosanto abrigo,
Sereua e constellada immensidade;

Entre os teus beijos de ethereal caricia,
Sorrindo e soluçando de delicia,
Quando te abraçarei na Eternidade?!

FIM



INDICE



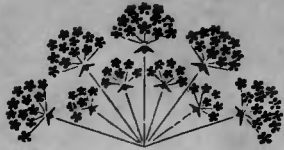
Prologo	5
Piedade	9
Caminho da gloria	11
Prêsa do ódio	13
Allucinação	15
Vida obscura.	17
Conciliação	19
Gloria !	21
Perfeição	23
Madona da Tristeza .	25
De alma em alma.	27
Ironia de lagrimas	29
O grande momento.	31
Prodigio !	33
Cogitação	35

Grandeza occulta	37
Voz fugitiva	39
Quando será?!	41
Immortal attitude.	43
Livre!	45
Cárcere das almas	47
Supremo verbo.	49
Vão arrebatamento	51
Bemditas cadeias!	53
Unico remédio	55
Floresce!	57
Deus do mal.	59
A harpa.	61
Almas indecisas	63
Abrigo celeste	65
Mudez perversa.	67
Coração confiante.	69
Espirito immortal.	71
Grê!	73
Alma fatigada	75
Flor nirvanisada	77
Feliz!.	79
Cruzada nova	81
O soneto.	83
Fógos fatuos.	85
Mundo inacessivel	87
Consolo amargo	89
Vinho negro.	91
Eternos ataláias	93
Perante a morte	95

O assignalado	97
Acima de tudo.	99
Immortal phalérno	101
Luz da natureza	103
Azas abertas.	105
Velho.	107
Eternidade retrospectiva	109
Alma mater	111
O coração.	113
Invulneravel.	115
Lyrio lutuoso	117
A grande sede	119
Domus aurea.	121
Um ser	123
O grande sonho	125
Condemnação fatal.	127
Alma ferida	129
Alma solitaria	131
Visionarios	133
Demonios	135
Ódio sagrado.	137
Exhortação	139
Bondadè.	141
Na luz	143
Cavador do infinito.	145
Santos Óleos.	147
Sorriso interior.	149
Mealheiro de almas.	151
Espasmos	153
Evocação	155

No seio da Terra .	157
Anima mea	159
Sempre o sonho	161
Aspiração suprema	163
Ineffavel!	165
Ser dos seres .	167
Sexta-feira santa .	169
Sentimento exquisito	171
Clamor supremo	173
Anciedade	175
Grande amor .	177
Silencios.	179
A morte .	181
Só! .	183
Fructo envelhecido	185
Extase budhico .	187
Triumpho supremo .	189
Assim seja!	191
Renascimento	193
Pacto de almas :	
I Para sempre	195
II Longe de tudo	197
III Alma das almas	199

8









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).